



DE
AMOR
TENHO
VIVIDO

Hilda Hilst

ILUSTRAÇÕES DE ANA PRATA







Copyright © 2018 by Daniel Bilenky Mora Fuentes
Copyright das ilustrações © 2018 by Ana Prata

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa e projeto gráfico
Elisa von Randow

Ilustração de capa
Ana Prata

Foto da página 88
Fernando Lemos

Revisão
Angela das Neves
Jane Pessoa

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Hilst, Hilda, 1930-2004
De amor tenho vivido / Hilda Hilst; ilustrações de Ana Prata.
— 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ISBN 978-85-359-3089-4

1. Poesia 2. Poesia brasileira I. Prata, Ana. II. Título.

18-13131

CDD-869.1

Índice para catálogo sistemático:
1. Poesia: Literatura brasileira 869.1

[2018]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras

SUMÁRIO

9 Apresentação

11 **DE AMOR TENHO VIVIDO**

87 Sobre a autora

88 Referências dos poemas

90 Índice de primeiros versos



Apresentação

Do primeiro livro de poesia, *Presságio*, de 1950, até o último, *Cantares do sem nome e de partidas*, de 1995, o amor atravessa toda a obra poética de Hilda Hilst. Em constante diálogo com a tradição de odes, trovas e cantares, os poemas aqui reunidos tematizam o amor em suas múltiplas formas: a devoção ao amado, a entrega absoluta, o desejo ardente, o anseio pelo encontro, o medo da despedida, a fragilidade dos laços.

Com vasto repertório de imagens, a poeta cria um universo extraordinário composto de terra, árvores, cascas, frutas, raízes, plantas, flores. Os pássaros também pousam com frequência nos versos, com suas asas que nem sempre simbolizam a liberdade: há asas de fogo, de espanto, mas também asas de ferro, asas arrancadas. Há, sobretudo, a vontade urgente de ser lida, compreendida, olhada outra vez: “Me fizeram de pedra/ quando eu queria/ ser feita de amor”.

Esta edição é ilustrada com pinturas a óleo da artista Ana Prata (Sete Lagoas, MG, 1980), convidada para dar cor e forma aos versos de Hilda. “Entre o amarelo e o rosa, a lua nova,/ Na vida também nova, ressurgia.”

Os editores

Gostaria de encontrar-te.

Falar das cousas
que já estão perdidas.

Tuas mãos trementes
se desmanchariam
na sonoridade
dos meus ditos.

Faria de teus olhos
luz,
de tua boca
um eco.

Nos teus ouvidos
eu falaria de amigos.

Quem sabe se amarias escutar-me.

[III, *Presságio*]

Nós, poetas e amantes
o que sabemos do amor?
Temos o espanto na retina
diante da morte e da beleza.
Somos humanos e frágeis
mas antes de tudo, sós.

Somos inimigos.
Inimigos com muralhas
de sombra sobre os ombros.
E sonhamos. Às vezes
damos as mãos àqueles
que estão chorando.
(os que nunca choraram por nós)

Ah, meus irmãos e irmãs...
Ai daqueles que nos amam
e que por amor de nós se perdem.
Ah, pudéssemos amar um homem
ou uma mulher ou uma coisa...
Mas diante de nós, o tempo
se consome, desaparece e não para.

Ouvi: que vossos olhos se inundem
de pranto e água de todo o mundo!
Somos humanos e frágeis
mas antes de tudo, sós.

[xx, *Balada do festival*]

Convém amar
O amor e a rosa
E a mim que sou
Moça e formosa
Aos vossos olhos
E poderosa
Porque vos amo
Mais do que a mim.

Convém amar
Ainda que seja
Por um momento:
Brisa leve a
Princípio e seu
Breve momento
Também é jeito
De ser, do tempo.

Porque ai senhor
A vida é pouca:
Um bater de asa
Um só caminho
Da minha à vossa
Casa...

E depois, nada.

[IV, Trovas de muito amor para um amado senhor]

As coisas que procuro
Não têm nome.
A minha fala de amor
Não tem segredo.

Perguntam-me se quero
A vida ou a morte.
E me perguntam sempre
Coisas duras.

Tive casa e jardim.
E rosas no canteiro.
E nunca perguntei
Ao jardineiro
O porquê do jasmim
— Sua brancura, o cheiro.

Queiram-me assim.
Tenho sorrido apenas.
E o mais certo é sorrir
Quando se tem amor
Dentro do peito.

[17, *Roteiro do silêncio*]

As asas não se concretizam.
Terríveis e pequenas circunstâncias
Transformam claridades, asas, grito,
Em labirinto de exígua ressonância.

Os solilóquios do amor não se eternizam.

E no entanto, refaço minhas asas
Cada dia. E no entanto, invento amor
Como as crianças inventam alegria.

[18, *Roteiro do silêncio*]

